



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL)

BARCELONA 13/16 setembro 2018

Caros Colegas da IF,

Submeto-lhes algumas reflexões tendo em vista o debate, previsto pela iniciativa do CRIF, sobre a atualização da política do campo lacaniano na ocasião do próximo Encontro internacional pelos 20 anos da IF. Alguns Fóruns e Polos já abriram a discussão, e espero que outros queiram nela entrar também.

Durante uma reunião em Paris, um colega colocava a questão: sobre o que podemos nos pronunciar, legitimamente, em nome da psicanálise?

Parece-me que nossa via é estreita, entre dois obstáculos e, no entanto, certa.

No perímetro da política comum de nossas democracias, os debates e polêmicas vão até as divergências, reagrupadas em partidos e em luta aberta, que ardem a cada decisão, culminam a cada eleição e explodem nos momentos de conflito. Esse é mesmo o efeito do princípio democrático, o qual bane o Um único dos totalitarismos, de onde quer que sejam para dar lugar às vozes múltiplas e aos direitos individuais. Os psicanalistas aí estão em pé de igualdade com os outros cidadãos, nenhuma unanimidade a se esperar conseqüentemente, pois são tão diversos quanto eles em suas opções políticas. Portanto, cada um tem o direito de se expressar como qualquer outro, mas ninguém pode pretender ser a voz da psicanálise.

A Escola do Campo lacaniano partilha com a democracia o princípio do respeito do um por um; a comunidade que ela constitui, porém, não é a do campo político, mas, antes o seu inverso. A questão da renúncia à unanimidade se coloca aí, conseqüentemente, de outra maneira. De forma clara: a despeito do *magister* do Um, o que é que pode evitar, para nós, a cacofonia dos individualismos em competição que se vê crescer por todo lado no campo social? Esse é todo o problema de nossa orientação: ou a psicanálise nos ensina algo que pode ser partilhado e, portanto, produzir orientação, ou estaremos entregues à Babel do múltiplo. Em princípio, espera-se numa escola de psicanálise que os pressupostos do dispositivo freudiano da análise, a parte de saber que nele se deposita, ultrapassem as particularidades. Nesse sentido, nossa política “a nós”, dizia Lacan, é nossa “forma de conceber um certo laço

social”.^[1] Esse laço não existe sem sua ética, ou seja, uma posição com relação ao real – que deve ser distinguida das normas da moral – e, por essa razão, o psicanalista não poderia ser um abstencionista com as mãos limpas.

Ocasão propícia para voltar a Freud, e, muito diferentemente, a Lacan: nenhum deles foi mesquinho com suas opiniões sobre a conjuntura de sua época, e, no entanto, não é por si mesmos que eles tiveram peso, mas servindo ao discurso analítico. O que é lógico, pois o que, em cada psicanálise, se revela no um a um do estatuto dos humanos sujeitos à linguagem – não temos outro universal – não é menos verdadeiro fora de seu campo, ali onde a política os trata como massa. Ocasão para nós, pelo avesso, de colocar à prova o que há de indubitável ou não naquilo que a psicanálise ensina.

Daí, da política da análise como bússola, não deve ser muito difícil saber sobre o que tomar partido nas diversas conjunturas, mas isso será sempre função da colocação em debate em nossa comunidade daquilo que a psicanálise ensina de indubitável sobre os pontos em questão. Podemos, por exemplo, dizer o seguinte: que não professamos sobre nenhuma democracia em particular (conhecemos, aliás, suas insuficiências), mas respeitamos o princípio, nos atemos a ele, e tratamos de fazê-lo passar em ato em nosso conjunto em todos os níveis – sem nos contentar com palavras vazias. Ou ainda: sobre todos os capítulos que dizem respeito ao estatuto dos sujeitos de que ele trata, o psicanalista pode, até deve, de acordo as circunstâncias, se pronunciar. Todas as relações sociais estão aí inclusas, dentre as quais, em primeiro lugar, as da família, tão em debate hoje. O campo é, portanto, bastante amplo, mas de onde poderíamos nos pronunciar enquanto Campo lacaniano sobre esse exemplo, assim como sobre outros, senão a partir de nossa orientação na psicanálise, e daquilo que ela nos ensina? Concluo daí que, para nós, os debates da sociedade e o debate interno à psicanálise são indissociáveis, devem ir juntos, e que não é possível entrar nos primeiros sem convocar o segundo.

Colette Soler, 12 de novembro de 2017.

Tradução: Cícero Oliveira - Revisão da tradução: Sandra Berta

[1] LACAN, J. Conférence et entretiens dans les universités nord-américaines In: *Scilicet 6/7*. Paris: Seuil, 1976, p. 48.